

# O marxismo em Mariátegui: uma proposta de racionalidade alternativa\*

ANÍBAL QUIJANO\*\*

Gostaria de propor nesta ocasião algumas poucas ideias ao nosso debate. A primeira é sugerir que a questão do marxismo em Mariátegui exige ser situada no debate de seu tempo para tratar de localizar as origens e o sentido da reflexão mariateguiana.

A esse respeito, quero me ater a poucos dados, para ordenar uma apresentação esquemática de tal contexto. O primeiro deles, que não creio que seja puramente anedótico, é que em 1921, quando Mariátegui, como ele mesmo disse, “esposou algumas ideias e uma mulher” (o marxismo e Ana Chiappe); nesse mesmo ano, foi publicada a segunda edição da obra fundamental de Eduard Bernstein *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia*. Isto é, em minha opinião, importante para assinalar o clima intelectual e político que reinava então em uma parte importante do movimento socialista.

Como é sabido, desde o fim do século passado até a Primeira Guerra Mundial, teve lugar uma vasta polêmica entre os líderes principais da social-democracia europeia acerca das propostas de Bernstein, qualificadas de “revisionistas”. Pou-

---

\* Artigo publicado originalmente em David Sobrevilla Alcázar (org.). *El marxismo de José Carlos Mariátegui* (Lima: Amauta, 1995, p.39-47). O texto é produto de uma apresentação no V Congresso Nacional de Filosofia no Peru, organizado pelo Instituto de Investigaciones Filosóficas de la Facultad de Ciencias Humanas da Universidade de Lima, no dia 2 de agosto de 1994. Traduzido por Deni Alfaro Rubbo (e-mail: deni\_out27@uol.com.br) e revisado por Leandro Galastri (e-mail: leandrogalastri@gmail.com). Publicação autorizada pela família do autor.

\*\* Aníbal Quijano (1930-2018) foi um sociólogo peruano, professor da Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) e da University of Birmingham (Nova York-EUA).

co antes da guerra essas propostas haviam permanecido minoritárias. Depois da guerra, no entanto, gradualmente, mas de maneira reconhecível, o pensamento filosófico e político da social-democracia europeia foi virtualmente orientado em torno das propostas de Bernstein. A segunda edição do texto principal do “reversionismo” era um sinal bastante claro dessa tendência. A própria palavra social-democracia vai ficando impregnada por essa imagem e chegará até nós como sua portadora.

Por outro lado, em 1917, a Revolução Bolchevique havia ocorrido na Rússia. O pensamento de seus líderes, Lenin e Trotsky, em primeiro lugar, e o primeiro momento do processo, apresentavam-se como uma resposta teórica e uma alternativa política exitosa frente a essas tendências da social-democracia europeia. Em termos atuais, contra a social-democratização do movimento socialista, sob a influência do revisionismo.

É nesse contexto do debate intelectual e político do socialismo europeu e em seu momento mais intenso que Mariátegui decide se incorporar a ele. Em seu caso, tal contexto geral estava mediado e especificado, em primeiro lugar, pelas particularidades do clima intelectual e político italiano desse momento e também pela extensão das lutas e derrotas revolucionárias em toda a Europa.

A opção mariateguiana é aparentemente clara. Contra as tendências da social-democracia, apoia politicamente o bolchevismo. Nessa perspectiva, se poderia também pensar nas reiteradas, ainda que não muito numerosas, declarações de Mariátegui sobre Lenin como o mais importante continuador da obra de Marx e do marxismo-leninismo. Deve-se admitir que, desde a sua morte, essa é a ideia mais difundida sobre a reflexão mariateguiana.

No entanto, com relação a isso e deixando de lado a influência gravitante do debate italiano, é inevitável considerar, primeiramente, a que se deve a reiterada insistência de Mariátegui em Sorel e seu pensamento. Porque ele não apenas o menciona e cita, como faz com Lenin, mas expõe e defende seus argumentos, em diversas linhas e sobre diversas coisas. Sugere, inclusive, que foi decisiva sua influência sobre Lenin. Na verdade, o coloca na estante marxista virtualmente junto com Marx, já que fala da civilização industrial de Marx e de Sorel.

Pois bem, aqui eu gostaria de levantar uma hipótese de trabalho que consiste no fato de que se pode suspeitar, pelo menos, que a tentativa de Mariátegui, desde seu regresso ao Peru, foi elaborar uma proposta autônoma, tanto em relação ao historicismo raso e ao positivismo pávido que ele encontrava na social-democracia europeia de seu tempo, como em relação ao chamado bolchevismo e ao marxismo-leninismo, sobretudo tal como esse começava a desenvolver-se desde meados dos anos 1920.

A hipótese é que Mariátegui toma distância simultaneamente em relação a um e ao outro e que encontra em Sorel não tanto um mestre teórico, embora algo disso aconteça, mas um exemplo interessante a seguir. Mariátegui tenta constituir na América Latina o que Sorel havia feito na França: um pensamento filosófico-

-político vinculado à herança intelectual de Marx, que parte dela ao mesmo tempo que mantém enorme autonomia e liberdade teórica e intelectual.

Nesse sentido, creio que a afirmação de Robert Paris de que Mariátegui é uma espécie de sorelista ambíguo, de que o mariateguismo é um sorelismo ambíguo, refere-se à influência de Sorel na orientação mariateguiana. Mas não vai suficientemente a fundo, não consegue perceber a diferença. Sorelismo, ambíguo ou não, implicaria necessariamente uma corrente de pensamento na qual a relação Mariátegui-Sorel seria, no fundamental, uma relação de discípulo e mestre em uma mesma teoria, ou doutrina, ou corrente intelectual. Na realidade, Mariátegui assume Sorel mais como um exemplo, uma referência para o itinerário de sua própria reflexão e para a elaboração de uma proposta própria, que se apoiaria também, sem dúvida, em algumas das elaborações sorelianas.

Em que consiste essa proposta? Ele não a expõe sistematicamente em nenhum de seus textos. Não obstante, seguindo-se o movimento da indagação mariateguiana e não somente suas afirmações pontuais e particulares, não é arbitrário sugerir que em tal movimento se constituem também as linhas matrizes de uma racionalidade alternativa a que era e é, ainda, dominante no Ocidente.

Tal racionalidade alternativa vem, antes de tudo, de Marx. Nesse sentido, parte da herança de Marx. Mas, ao mesmo tempo, Mariátegui elabora suas questões e formula suas propostas com uma grande autonomia e liberdade teórica e intelectual, move-se por sua própria conta a partir desse legado. É nesse caminho e para essa elaboração que irá encontrar reflexões indispensáveis como as de Sorel, Freud e Nietzsche.

O que me parece notável é como Mariátegui coincide com as intuições ou com as propostas de conhecimento originais de Marx, muito embora não houvesse tido ocasião de conhecer nem os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, nem *A ideologia alemã*, nem certamente os *Grundrisse: elementos fundamentais da crítica da economia política*, obras todas publicadas depois da morte de Mariátegui. Os *Manuscritos*, por exemplo, são publicados somente em 1932. Como, então, Mariátegui chega a esta notável, realmente surpreendente, coincidência com as propostas originais de Marx sobre o problema do conhecimento?

Em todo caso, Marx é o primeiro e o mais importante passo em uma direção alternativa para a racionalidade que se constitui no início da modernidade. Suas propostas específicas voltam e voltaram de todos os modos ao primeiro plano do debate que se tem aberto com a crise da modernidade. Nelas o conhecimento é um produto histórico-social, isto é, refere-se sempre a um universo intersubjetivo historicamente constituído, e é parte de um complexo no qual está associado à ação e à transformação. Portanto, implica não um olhar externo, não o de um indivíduo ou de uma entidade ahistóricas, mas a partir do interior de uma realidade histórico-social, desde entidades sociais historicamente constituídas e, como todas, em uma relação de poder. Por tudo isso, como insistiu sempre, todo conhecimento é necessariamente histórico, inclusive no mais simples sentido de ser parte de um

tempo, não de todos os tempos. Consequentemente, implica que esse não consiste somente em uma proposta epistemológica, mas é também uma proposta ética, não separadamente, mas pelo contrário, parte do mesmo movimento de reflexão. Essas são as mesmas linhas centrais que Mariátegui vem desenvolvendo no movimento de sua reflexão. E certamente toma as propostas teóricas de Marx sobre a sociedade e o poder como orientação central de suas indagações nesse terreno. Mas, em cada área, o faz de modo notavelmente autônomo. Assim, para tudo aquilo que se refere à dimensão material das relações sociais e de poder em geral, orienta-se pelas propostas de Marx. Contudo, não tarda em descobrir a originalidade histórica e, conseqüentemente, teórica, da experiência histórica latino-americana, a qual não é possível entender somente em função da experiência europeia, nem a partir da perspectiva eurocêntrica que já é totalmente dominante no marxismo dos anos 1920, tanto na social-democracia, como no bolchevismo. Caso contrário, não se poderiam entender as propostas mariateguianas formuladas a partir do primeiro capítulo dos *Siete ensayos*.

De outro lado, Mariátegui está vitalmente interessado nas dimensões subjetivas, individuais e sociais das relações sociais e da experiência humana em geral. Partindo da perspectiva de Marx, não encontrou, nem teria conseguido encontrar no marxismo eurocêntrico posterior à morte de Marx, e em particular nos anos 1920, salvo muito parcialmente, respostas teóricas eficazes às suas questões sobre a subjetividade, especialmente a individual. Por isso, não titubeia em explorar a indagação de Freud e de Nietzsche, convergindo com algumas de suas propostas centrais no desenvolvimento de suas próprias reflexões, no mesmo momento em que, sobretudo a partir do bolchevismo oficial, os marxistas eurocêntricos se enfrentam amargamente com esses autores. Com Nietzsche não é somente a questão da subjetividade que está em jogo na reflexão mariateguiana. É possível sentir a reverberação nietzschiana na tessitura pessoal mariateguiana sobre a relação entre ética e conhecimento.

Nem tudo isso está em Sorel. Mas Sorel estava ativamente interessado pelos aspectos subjetivos na luta pela revolução, o que explica o óbvio interesse de Mariátegui por ele. Como demonstra Osvaldo Fernandez em seu livro recém-publicado, *Mariátegui o la experiencia del otro* (1994), são justamente as preocupações sobre o problema da subjetividade individual as que Mariátegui enfrenta em sua famosa polêmica com Henri de Mann em seu livro *Defesa del marxismo* (Mariátegui, 1970). Contudo, o modo mariateguiano é, ao meu juízo, autônomo e próprio, e não procede de Sorel em todas as suas dimensões, nem tampouco do neohegelianismo liberal que era muito importante na Itália e que, sem dúvida, teve uma grande influência em Mariátegui, sobretudo através de Benedetto Croce e Piero Gobetti.

Portanto, para tudo o que se refere ao problema geral do conhecimento, ele consegue encontrar, ao meu juízo, por sua conta e, em grande parte, as mesmas intuições originais de Marx. Eu digo as originais, porque discutir Mariátegui e marxismo é também discutir o marxismo. A esse respeito, creio que é importante

recordar entre nós que a herança de Marx é heterogênea, como é heterogênea a de Mariátegui. A leitura da obra de Marx pode ser feita, e geralmente se faz, de mais de uma maneira, e não por coincidência tem dado lugar a vários marxismos. A de Mariátegui também, e o mesmo tem dado origem a vários mariateguismos, como bem sabemos no Peru.

Sobretudo por sua insistência na tensão subjetiva individual necessária para participar na luta revolucionária, na empresa para transformar a sociedade, a reflexão mariateguiana está relacionada a todos esses pensadores, apesar da marcada heterogeneidade filosófica entre eles. Por isso sugiro que o que mais caracteriza Mariátegui é, precisamente, a elaboração de uma racionalidade integradora dessas fontes heterogêneas. E não se trata somente de sua liberdade a respeito de suas fontes intelectuais. São igualmente importantes, se não mais, os elementos vivenciais e intelectuais que provêm da própria experiência histórica, material e subjetiva, que correm pelas veias profundas da experiência latino-americana e que não somente confluem ao mesmo canal que as prévias fontes intelectuais, mas que as modulam, em certo sentido as modificam, no processo de constituição dessa racionalidade alternativa.

Sem esse visível esforço de Mariátegui para elaborar uma racionalidade integradora, a heterogeneidade de suas fontes emocionais e intelectuais faria pensar que sua reflexão forma-se como um mero ecletismo. E certamente não se trata disso. Pelo contrário, é uma maneira de elaborar a realidade a partir de sua historicidade. E esta, na América Latina, não se desdobra como um *continuum* homogêneo que se desenvolve linearmente no tempo. Trata-se de uma estrutura constituída a partir de suas raízes pelos elementos historicamente heterogêneos e que não pode, conseqüentemente, ser percebida de outro modo, pois isso significaria perdê-la ou distorcê-la.

A partir dessa perspectiva, é muito interessante indagar a tessitura específica que assume no pensamento mariateguiano o problema do mito. Como todos sabemos, ele diz que retira de Sorel a ideia de necessidade do mito para a mobilização das pessoas em direção à revolução. Isso foi efetivamente elaborado por Sorel. Mas não se pode separar a reflexão mariateguiana sobre o mito revolucionário de sua indagação e de sua reflexão sobre o contexto social e intersubjetivo no qual atua e sobre o qual e para o qual trabalha esse problema particular.

Em Mariátegui, um dos problemas básicos que confronta a crítica revolucionária da sociedade é o problema do índio. E vinculado a isso, o problema da nação. Ambos configuram uma questão que é central na indagação mariateguiana: junto com as relações de classe, e com elas tramadas, atuam não somente a pluralidade, mas a heterogeneidade da cultura, das respectivas relações intersubjetivas nessa sociedade, quicá muito mais visíveis e conflitivas à época do que atualmente.

Isso implica o problema da pluralidade, da heterogeneidade e da conflitualidade de sentidos e dos modos de produzir sentido existentes naquele momento na mesma sociedade, inclusive entre os “índios”, já que essa categoria colonial

encobre e embosca provavelmente mais de uma opção histórica. Também são várias e diversas as vertentes europeias, mas para simplificar podemos dar conta aqui de duas: o índio e o não índio. E ainda que Mariátegui não lhes atribua tanta importância, estão presentes também os elementos procedentes da herança pós-africana e a procedente da Ásia, através da massiva migração chinesa.

Em Sorel, não estava elaborada essa problemática, não tinha por que estar. A da França era uma cultura nacional, tão homogênea como cabe a uma tal experiência. As fraturas intersubjetivas ali têm origem de classe, e não “racial” ou “étnica” e, conseqüentemente, não se apresenta, pelo menos não com a mesma força que na América Latina, o problema fundamental da heterogeneidade cultural, de sentidos, modos e de fontes de produção de sentidos.

Mariátegui era, como poucos, como quicá ninguém nesse momento, desde sua perspectiva, consciente dessas questões, de que o problema de um mito revolucionário no Peru não se colocava de modo equivalente ao da França ou da Europa. No Peru e na América Latina abria-se, precisamente, a questão maior de como incorporar, às ideias da revolução socialista, um sentido dotado da mesma força mobilizadora para uma população com universos subjetivos heterogêneos e, inclusive, conflitivos. Por isso, com sua excepcional perspicácia, sabedor de que a grande maioria dos explorados e dominados no Peru era indígena, apela antes de tudo à experiência idealizada do próprio passado dessa “raça” e ergue sobre esse passado a utopia da sua liberação em um futuro de reciprocidade, de solidariedade, de liberdade e de comunidade. Nessa proposta está latente a ideia de que depois de tudo, para os índios do Andes, o socialismo que vem da Europa é, de algum modo, um regresso. E Mariátegui não deixou, no entanto, de insistir, no mesmo momento, que sem a Europa, sem sua ciência e técnica, a América Latina não poderia avançar em direção ao socialismo.

Alguns autores europeus têm interpretado essa proposta mariáteguiana como o reconhecimento implícito de que no Peru dos anos 1920, com indústria incipiente e reduzido proletariado, o socialismo era, exatamente, um mito. Mas isso também é o que melhor mostra o quão longe uma perspectiva eurocêntrica está em relação à possibilidade de entender a história latino-americana desde dentro. Fora da experiência latino-americana, tampouco teria sido possível para Mariátegui realizar essa empreitada, porque toda a reflexão europeia dominante nesse momento e depois, o que chamamos a racionalidade eurocêntrica, bloqueava literalmente a possibilidade de reconhecer a heterogeneidade histórica de toda sociedade, enquanto que na América Latina era precisamente essa a maneira cotidiana da existência social, sobretudo desde a Conquista em adiante.

Essas são questões abertas, em cuja investigação me parece necessário insistir.

## Referências bibliográficas

FERNÁNDEZ, Osvaldo. *Mariátegui o la experiencia del otro*. Lima: Amauta, 1994.  
MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defensa del marxismo*. Lima: Amauta, 1970.

PARIS, Robert. Un sorelismo ambiguo. In: ARICO, José (org.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. Cidade do México: Pasado y Presente, 1978.

### Resumo

Com o objetivo de traçar as origens e o sentido do marxismo de José Carlos Mariátegui, o autor trabalha com a hipótese de uma “racionalidade alternativa” por meio da crítica epistemológica, ética e política do eurocentrismo. Isto é, desde seu regresso ao Peru, segundo ao autor, Mariátegui inaugura uma proposta autônoma de conhecimento, inspirada na noção de mito em Sorel, na contramão tanto da social-democracia europeia quanto do assim chamado marxismo-leninismo, principalmente aquele que tomou concretude desde meados da década de 1920.

**Palavras-chave:** Mariátegui; marxismo; América Latina; racionalidade alternativa; eurocentrismo.

### Abstract

In order to trace the origins and the sense of José Carlos Mariátegui's Marxism, the author works with the hypothesis of an “alternative rationality” through the epistemological, ethical and political criticism of Eurocentrism. That is to say, since his return to Peru, according to the author, Mariátegui inaugurates an autonomous proposal of knowledge, inspired by the notion of myth in Sorel, against both the European social democracy and the so-called Marxism-Leninism, especially the one that took concrete form since the mid-1920s.

**Keywords:** Mariátegui; Marxism; Latin America; alternative rationality; eurocentrism.